

Reviewed article

Bassichetto KC, Lima MG, Souza DBO, Nogueira LFZ, Luppi CG, Barroso BIL. Prevalence of physical inactivity and associated factors among transgender people: a cross-sectional study, Baixada Santista, Brazil, 2023. Epidemiol Serv Saude. 2026;35:e20251283

doi

10.1590/S2237-96222026v35e20251283.en

Peer review B

João Batista de Oliveira Junior  Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, Matinhos, PR, Brazil

Date review returned: 09-dec-2025

Questionnaire	Yes	No	Not applicable
Does the manuscript contain new and significant information to justify publication?	☒		
Does the Abstract (Summary) clearly and accurately describe the content of the article?			☒
Is the problem significant and concisely stated?			☒
Are the methods described comprehensively?	☒		
Are the interpretations and conclusions justified by the results?			☒
Is adequate reference made to other work in the field?			☒

Manuscript Structure:

Length of article is:	Adequate
Number of tables is:	Adequate
Number of figures is:	Adequate

Please state any conflict(s) of interest that you have in relation to the review of this paper: None

Rating	Excellent	Good	Average	Below Average	Below Poor
Interest	☒				
Quality			☒		
Originality			☒		
Overall			☒		

Recommendation:

Accept Major Revision ☒
Minor Revision Reject

Comments

O manuscrito apresenta um tema extremamente relevante, pouco explorado no Brasil e com grande potência para contribuir com a literatura sobre saúde, práticas corporais e vulnerabilidades sociais vivenciadas por pessoas trans. O estudo utiliza dados de um mapeamento amplo, com participação significativa, e emprega análises estatísticas adequadas em sua estrutura geral.

No entanto, apesar do mérito do tema e da importância da base de dados, o manuscrito necessita de revisão majoritária em dois eixos fundamentais: (1) fundamentação conceitual, profundidade analítica e consistência da discussão, e (2) clareza e rigor na apresentação das análises estatísticas.

As principais questões são apontadas a seguir.

1. Fundamentação conceitual e profundidade da discussão

Embora trate de uma população historicamente vulnerabilizada, a discussão teórica do manuscrito é, em diversos trechos, descritiva, superficial e, por vezes, romantizada, deixando de considerar de forma crítica aspectos centrais da realidade das pessoas trans no Brasil. O resumo afirma que os achados revelam “vulnerabilidade interseccional e desigualdades sociais”, porém essa análise não aparece de forma consistente no texto. A discussão não desenvolve adequadamente o que seria essa vulnerabilidade interseccional, nem explora de maneira concreta as desigualdades sociais que atravessam a vida das pessoas trans. Assim, o resumo cria uma expectativa de aprofundamento teórico que o manuscrito não entrega. Recomenda-se ajustar o resumo ou, preferencialmente, ampliar no corpo do artigo a discussão sobre esses determinantes sociais.

1.1 Romantização e afirmações pouco sustentadas

O trecho em que se afirma que “a inclusão de pessoas trans no esporte tem contribuído para redução das iniquidades” precisa ser revisto. Apesar de reconhecer que o debate esportivo é importante politicamente, afirmar que produz redução das iniquidades é conceitualmente arriscado e empiricamente frágil. O cenário brasileiro mostra que a participação de pessoas trans no esporte frequentemente intensifica exposição, violência simbólica e institucional, discursos patologizantes e ataques públicos.

A frase apresenta efeito retórico positivo, mas não corresponde ao estado da arte e precisa de reformulação cuidadosa e fundamentada.

1.2 Comparações excessivas com população geral

Em vários momentos, a discussão compara os achados quase exclusivamente com a população cisgênera geral (como escolaridade, adesão à atividade física ou qualidade de vida). Essa opção metodológica apaga as especificidades estruturais, sociais e

históricas que marcam a vida das pessoas trans, limitando a compreensão crítica do fenômeno.

Ao usar apenas paralelos com a “população geral”, o texto corre o risco de:

- diluir desigualdades estruturais,
- naturalizar distâncias que são produtos da transfobia institucional,
- deslocar a análise de determinantes sociais específicos,
- perder oportunidades de avançar no que o estudo tem de mais original.

É necessário ampliar o enfoque para refletir as condições de vida singulares da população trans, considerando: violências, precarização do trabalho, expulsão escolar, vulnerabilidade habitacional, criminalização e vigilância contínua.

1.3 Afirmações reducionistas sobre corpos e masculinidade

Trechos como “homens trans buscam ganho de massa muscular como parte do processo de masculinização” precisam de maior cautela. Essa frase:

- universaliza experiências,
- fixa uma trajetória corporal única,
- aproxima identidades transmasculinas de um modelo cisheteronormativo,

- e não contempla a diversidade de vivências e desejos corporais presentes entre homens trans e pessoas transmasculinas.

É importante evitar interpretações que sugiram que existir transmasculino implique perseguir um corpo “ajustado” ao masculino hegemônico. Sugere-se revisar o trecho e dialogar com literatura queer, transfeminista e de corporeidades dissidentes.

1.4 Uso de termos valorativos que reforçam subalternização

O parágrafo que afirma que práticas corporais são utilizadas para “melhorar a aparência”, “melhorar a autoestima” ou “melhorar mudanças corporais” precisa ser revisto. Termos como melhorar implicam juízo normativo e reforçam que corpos trans seriam incompletos ou inadequados, o que não é aceitável em uma abordagem crítica da saúde trans.

Essas expressões devem ser substituídas por formulações neutras, como: “modificar”, “transformar”, “adequar às suas expectativas”, “afirmar sua identidade corporal”, etc.

2.5 Discussão promissora, porém finalizada de forma reducionista

O parágrafo que discute visibilidade corporal, estigma e microagressões inicia um debate valioso, mas termina de forma simplificadora, reduzindo novamente práticas corporais a uma estratégia de “melhorar aparência física” e “acentuar mudanças corporais”.

Recomenda-se:

- aprofundar a relação entre estigma, corpo e engajamento corporal,
- evitar explicações lineares ou biologizantes,
- expandir com literatura sobre performatividade, vigilância, passabilidade e autocuidado trans.

1.6 Hipótese inicial pouco contextualizada

A discussão reconhece que o principal achado (relação inversa entre estigma e inatividade física) contraria a hipótese inicial. Contudo, essa hipótese tampouco foi suficientemente contextualizada na introdução. O texto carece de uma apresentação mais robusta da vida das pessoas trans no Brasil, país que:

- é o que mais mata pessoas trans no mundo,
- apresenta expectativa de vida estimada em 35 anos para essa população,
- expõe essas pessoas a insegurança econômica, expulsão escolar, violência institucional e subalternização estrutural.

Sem incorporar esse contexto, qualquer hipótese sobre engajamento ou não em atividade física se torna desconectada da realidade material dessa população.

3. Avaliação estatística

A análise estatística empregada é adequada em sua estrutura geral, porém alguns pontos precisam ser melhor esclarecidos para garantir a robustez dos resultados.

3.1 Definição do desfecho

O critério utilizado para classificar inatividade física (não ter praticado nenhuma atividade nos últimos três meses) é muito restritivo e não segue as recomendações usuais da OMS (minutos/semana). Isso pode inflar artificialmente a prevalência do desfecho e alterar as estimativas de associação. É importante justificar tecnicamente essa escolha e discutir seu impacto.

3.2 Categorias com poucos participantes

Algumas variáveis possuem categorias com números reduzidos (ex.: travestis, transmasculinos, níveis de

escolaridade mais altos). Isso pode gerar estimativas instáveis e intervalos de confiança muito amplos no modelo múltiplo. O manuscrito deve reconhecer essa limitação ou apresentar análise de sensibilidade.

3.3 Tratamento dos dados faltantes (missing)

Os tamanhos amostrais variam entre as tabelas, mas o método de tratamento dos missing não é informado. É fundamental especificar se houve exclusão por lista completa ou outro procedimento, pois isso influencia a validade interna das análises.

3.4 Multicolinearidade não avaliada

Variáveis como escolaridade, renda, qualidade de vida e uso de serviços de saúde mental são potencialmente correlacionadas. A falta de avaliação de multicolinearidade impede verificar se o modelo final é estável. Recomenda-se incluir essa análise ou discuti-la como limitação.

3.5 Mudança do estigma entre análises bruta e ajustada

A variável “estigma” não é significativa na análise bruta, mas se torna significativa no modelo ajustado. Isso exige explicação, pois pode indicar confusão negativa ou instabilidade do modelo. Sem essa discussão, a interpretação final fica fragilizada.

Considerações finais

O manuscrito aborda uma temática fundamental e urgente e tem potencial significativo de contribuição. Contudo, necessita de revisões importantes em sua fundamentação conceitual, no tratamento crítico da discussão e na precisão metodológica.

As principais recomendações são:

- evitar romantizações, generalizações ou afirmações que não se sustentam empiricamente;
- revisar trechos que reforçam normatividades corporais;
- aprofundar o debate sobre desigualdades sociais estruturais que atravessam a vida das pessoas trans;
- incorporar literatura transfeminista, queer, sobre interseccionalidade e de corporeidade crítica;
- fortalecer a descrição metodológica e justificar as decisões analíticas.

Diante disso, a recomendação é de revisão majoritária, com necessidade de aprimoramento conceitual e estatístico antes de considerar a publicação.- O trabalho traz dados novos ao associar inatividade de pessoas trans não como escolhas pessoais mas como fruto de exclusões estruturais, mesmo que precise adensar um pouco essa afirmação.

- Minhas preocupações são: 1) são pouco delineadas e adensadas as questões estruturais, fala-se de “fatores psicológicos corporais e sociais” ou “ambientais e históricos” mas não são aprofundados ou citados, parecem um pouco generalistas demais.

- Não existem preocupações éticas em relação à pesquisa, os dados da aprovação encontram-se no corpo do artigo.

- Sugiro leitura de estudos e críticas produzidas por pesquisadores trans, principalmente aqueles que pesquisam questões de educação física, como Leonardo M. B. Peçanha e Eric Seger (sugestões de trabalhos mais abaixo). Ainda, coloco como sugestões que podem auxiliar nessas questões:

- GOFFMAN, Erving. Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

- Carvalho M.F. de L., Menezes M.S. de, 2021, Violência e saúde na vida de pessoas LGBTI, Rio de Janeiro, Fiocruz.

- Rodrigues, L.; Carneiro, N. S.; Nogueira, C. História das abordagens científicas, médicas e psicológicas sobre as transexualidades e suas aproximações críticas. *Saude soc.* 2021, 30, e200768. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200768>.

- Goulart VP, Nardi HC. Vidas inimigas, necropolítica e interseccionalidade: da exclusão na educação ao suicídio/assassinato de pessoas trans. *Rev Entreideias.* 2022;11(1). doi:10.9771/re.v11i1.45614

- Freitas FLS, Bermúdez XPCD, Merchán-Hamann E, Dias Dos Santos AS, Vieira VF. Social and programmatic vulnerability in the context of transgender people's health: a scoping review of scientific evidence from Brazil. *Int J Equity Health.* 2024;23(1):272. doi:10.1186/s12939-024-02359-1

Resumo

- o que seria “panorama de vulnerabilidade interseccional”? É citada no resumo mas não aparece no corpo do artigo.

Introdução

- Comentário: acredito que seja necessário uma atenção maior a introdução, ela está demasiadamente sucinta, um pouco embolada e sem um bom encadeamento de ideias. Seria bom, principalmente, contextualizar como a população brasileira está em relação a realização ou não de atividades físicas. Sugiro também contextualizar de forma mais material a questão do preconceito/estigma das pessoas trans no Brasil, “fatores psicológicos, corporais e sociais” são demasiadamente abrangentes e precisam ser melhor descritas para deixar claro o caráter estrutural dessas violências. Além disso, é importante amarrar melhor a justificativa da motivação de pesquisar inatividade em pessoas trans, ainda mais no contexto brasileiro que temos poucas pesquisas nesse sentido. Acho importante ainda, como sugestão, que a questão de pessoas trans no esporte é altamente controversa e elas são, muitas vezes, alvos de perseguições políticas.

- Pág. 4 linha 19: explicar cisgênero, nem todas as pessoas tem aproximação com essa importante nomenclatura;

- Pág. 4 linha 17-24: Sugiro reescrever as duas frases a partir do “Segundo dados de diversas pesquisas (5,6), incluindo uma revisão sistemática (7)” pois fica meio confuso saber de qual das três pesquisas saem os dados a seguir. “Esse mesmo estudo identificou que” qual dos três citados? a revisão?

- Pág. 4 linha 25: “Outros estudos com população trans...” mas só cita um. Alguns artigos que podem ajudar nessa contextualização (inclusive alguns escritos por pessoas trans):

- Corpos transmasculinos negros em intersecções estéticas: entrevista com Leonardo Peçanha <https://doi.org/10.1590/1413-81232024292.18622023>

- CAMARGO, Eric Seger de. “Pessoas trans no esporte”: os jogos da cisnormatividade. 2020. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218439>

- Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279366>

Métodos

- Os métodos estão bem descritos, apenas sugiro dividir o parágrafo que começa na página 5 linha 16 e acaba apenas na linha 46.

- Seria bom explicar se a escala de estigma foi criada para o artigo, além disso, seria bom explicar o que é o estigma que não é sinônimo de preconceito e se é o melhor termo a ser utilizado..

Resultados

- Os resultados estão bem apresentados, sinalizando as tabelas.

Discussão

- Acredito que a questão do estigma foi pouco discutida, é necessário um maior aprofundamento.
- Outro ponto que seria importante destacar é a interação de raça, gênero e classe. O dossiê da Antra é claro ao afirmar que as pessoas trans que são assassinadas são travestis negras, jovens, de baixa escolaridade e sem vínculo empregatício. Talvez a análise interseccional possa enriquecer a discussão, mas é uma sugestão. (<https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>)